a transmissão de uma experiência

Clarice Gatto

Em nossos livros de literatura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que quaisquer outras na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho.

Walter Benjamin,
Experiência e pobreza.

À pergunta desse encontro: "O que se espera de um psicanalista?", proponho a resposta: "a transmissão de uma experiência".

Lacan, em "Sobre a experiência do passe" (novembro de 1973), escreve:

> Seria preciso que se soubesse notar coisas de que não falo — eu nunca falei de formação analítica, falei de formações do inconsciente. Não há formação analítica. Da análise tira-se uma experiência, que se qualifica muito erroneamente de didática. A experiência não é didática. Por que vocês pensam que tentei apagar inteiramente esse termo didática e falei de psicanálise pura?[1]

[1] Lacan. Sobre a experiência do passe, p.57.

a experiência psicanalítica

A distinção da noção de experiência (*Erfahrung*) na obra de Freud me foi despertada pela leitura de um ensaio de Walter Benjamin sobre a narrativa proustiana. Em *A imagem de Proust*,[2] Benjamin distingue entre o *acontecimento lembrado* como parte de uma experiência (*Erfahrung*) sem limites, "porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois", e o *acontecimento*

[2] Benjamin. A imagem de Proust.

vivido como parte de uma experiência, uma vivência (*Erlebnis*)[3] finita, "ou pelo menos encerrada na esfera do vivido". Jeanne Marie Gagnebin, em *Walter Benjamin ou a história aberta*,[4] retoma de modo primoroso a preocupação que alimentou a reflexão benjaminiana entre o declínio da arte de contar histórias como lugar privilegiado de uma transmissão enriquecedora para quem dela participasse, e o enfraquecimento da experiência, *Erfahrung*, no capitalismo moderno.

Na conferência 28, *A terapia analítica*, de 1916, ao ser convidado a falar para um auditório de médicos, Freud traz de volta uma interrogação que costumava fazer: "o que os senhores querem ouvir primeiro nesta questão: o testemunho da experiência (*Erfahrung*) ou reflexões teóricas?"[5] É interessante observar a insistência dos ouvintes de Freud em querer saber como se faz a psicanálise, e é igualmente interessante a insistência dele em *não dizer* (eis aí o que Lacan destacou como a *Versagung*[6] do analista), saindo-se sorrateiramente e assinalando para a cisão constituinte do ser falante no âmbito da cultura. Nessa conferência, por exemplo, ele retoma as diferenças entre a psicanálise e a prática da hipnose, entre a psicanálise e a medicina, demarcando como ponto fundamental o modo como a verdade é obtida. Não será pela diferença teórica do sintoma em Psicanálise e em Medicina,[7] muito menos pela veracidade quanto ao critério de cura numa e na outra: Freud valoriza o movimento na direção da "autonomia subjetiva" do doente diante de seu sofrimento e seu sintoma.

Parafrasear Lacan é preciso: a experiência psicanalítica, como transmiti-la? Em *O gozo do trágico*, Patrick Guyomard demarca que

> O problema da fidelidade é também o problema da transmissão — em especial, o da transmissão da psicanálise. A herança de Freud se transforma em letra morta se não puder modular-se diferentemente, a partir de vozes que a redescobrem e lhe dão vida. Como uma palavra poderia ser transmitida sem receber o tom daquele que a enuncia? Como efetuar uma transmissão sem aí se incluir o sujeito — e, portanto, o inconsciente — daquele que transmite? Em toda transmissão, adverte Patrick Guyomard,[8] há uma "traição" fundamental, que é a condição do novo.[9]

Será que estamos de acordo com essa afirmação? Ser *fiel* a quê, podemos perguntar. O que vem a ser essa fidelidade?

[3] Benjamin. A imagem de Proust, p.114-9.

[4] Gagnebin. Walter Benjamin ou a história aberta, p.7-19.

[5] Freud. Die Analytische Therapie, p.431.

[6] Cf. Lacan. *O Seminário: livro 8 – A transferência*, p.314.

[7] Para essa discussão no campo da Medicina, conferir o excelente trabalho de Michel Foucault, *O nascimento da clínica*, especialmente o capítulo VII, "Signos e casos".

[8] Guyomard. *O gozo do trágico*; Antígona, Lacan e o desejo do analista.

[9] *Folder* das *Conferências* de Patrick Guyomard no Rio de Janeiro, *SPID*, abril de 1997.

Fidelidade ou *separação*? É possível se separar conservando, transmitir destruindo na construção de algo novo? Ou será que se trata do que escolhemos *recolher*, em realidade?

Espantava-me enquanto lia a pergunta de Walter Benjamin: "qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a *experiência* não mais o vincula a nós?",[10] especialmente porque no cerne desta questão pode estar um beco sem saída... Afinal de contas, dentre as características que marcam o sujeito na *Modernidade* está uma resposta à questão do *individualismo*, pólo convergente da pergunta paradoxal: *quem sou eu*? E na resposta a esta questão, e aí reside o paradoxo, reencontraremos também os traços singulares de *pertença* transmitidos através das experiências — novas ou velhas.

[10] Benjamin. A imagem de Proust, p.115.

Então, o que é possível transmitir em uma experiência de modo que esta não seja apenas repetição do mesmo? É possível dizer algo sobre o que se transmite? O que significa a *transmissão* da *experiência psicanalítica*?

Com Freud, situo dois momentos precisos nos quais a transmissão se coloca como questão: em *Totem e tabu*, pela transmissão da "lei do desejo", e em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, pela transmissão de que a incidência da verdade é subjetiva. Com Lacan, através do famoso dito "autorizar-se de si mesmo", encontramos a aposta em uma transmissão através do "testemunho do passe", no que este funda uma *comunidade de experiência*.

a transmissão em freud

Em *Totem e tabu*, de 1912, Freud situa a transmissão referida à proibição do crime (através do assassinato do pai) e do incesto (com a mãe)[11] instaurando uma lei moral que funda a comunidade social através da *exogamia* ("regime social em que os matrimônios se efetuam com membros de tribo estranha, ou, dentro da mesma tribo, com os de outra família ou de outro clã").

[11] Cf. Porge. Comme est dit du père. Laplanche; Pontalis. *Fantasia originária, fantasias das origens e origens da fantasia.*

Resumidamente, esse mito narra a existência de um homem todo poderoso que possuía não só uma, mas todas as mulheres no interior da horda primitiva. Um homem de puro gozo. (Freud retoma de Charles Darwin, Atkinson e Robertson Smith as informações científicas e históricas para compor sua história.) Diante de tamanha iniqüidade, os filhos ressentidos e odiosos deste pai se unem em um ato insano e o matam. A partir daí, Freud nos conta, haverá interdição do incesto, as mulheres do pai não serão distribuídas, mas se instaurará a *exogamia*. A lei nasce daí, do assassinato do pai.

Entretanto, Freud nos mostra que haverá um *retorno* (*Wiederkehr*), o pai vai voltar sob a forma significante no totem, pelo elemento paterno (*der Vateranteil*) assim como o Deus das religiões. E na seqüência final desse mito estará a realização do *amor do pai*: pela refeição totêmica, por incorporação do significante paterno, através do ato de comer, haverá restabelecimento do *laço social* fundando uma comunidade-clã (Freud diz em inglês: *kinship*).[12] "Em virtude de uma 'substância comum' (*gemeinsamen Substanz*) feita da mesma matéria (*ein Stoff*) por incorporação do totem, se opera uma identidade de substância."[13] Trata-se, diz Freud, de realizar uma identificação pelo ato de absorção — *im Akte des Verzehrens die Identifizierung* — e de apropriação — *Aneignung* — pela ação dos atributos paternos do próprio pai — *der Eigenschaften des Vaters.*

[12] Freud. Totem und Tabu, p.419.

[13] Cf. Julien. L'amour du père chez Freud, p.16.

Os laços consangüíneos só não bastam, diz Freud. Como não basta ter sido alimentado por uma mãe pertencente ao mesmo clã. É preciso renovar esses laços através da absorção pelo alimento junto com os outros. "Tal é a satisfação — *Befriedigung* — o benefício obtido." "O que anima a articulação significante deste sonho-mito, é o *amor ao pai*".[14] E este amor, em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), Freud o articula à *identificação* como "a expressão mais primitiva de uma 'ligação sentimental' (*Gefühlsbindung*) com uma outra pessoa."

[14] Cf. Julien. L'amour du père chez Freud, p.16.

Em *O mal-estar na cultura* (1930), Freud escreve: "uma vez o ódio satisfeito por agressão, o amor aparece nos remorsos do crime, ele (o ódio) erige também o supereu ao menos por identificação ao pai, ele lhe dá (ao *supereu*) a potência do pai — *die Macht des Vaters.*" Para Freud, o amor teria as condições de fazer as restrições morais destinadas a impedir o retorno da agressão. *O amor ao pai*, sabemos muito bem disso e Freud também o sabia, não barra tudo, tanto é que ele atribui ao *supereu* — herdeiro do complexo de Édipo — a função de reencarnar as figuras desse pai real, privador.

O outro momento na obra de Freud sobre a transmissão está em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, de 1938, quando interroga a verdade sobre a transmissão de uma história ("como um homem comum se torna um mito?") e descobre a importância do *intervalo de tempo* (*Zeitintervalle*) na longa transformação de uma verdade histórica — o assassinato de Moisés — e as versões construídas a partir deste *ponto de falha* sobre a religião mosaica, essa verdade esquecida, porque originariamente recalcada. Ele diz:

> Nós também podemos admitir uma solução. Mas nós tropeçamos sobre uma dúvida. O argumento piedoso descansa sobre um pressuposto idealista-otimista. Isso não tinha mesmo se deixado verificar, que o intelecto humano possui uma atmosfera particular a favor da verdade, e que a vida psíquica humana, reconhecida a verdade, mostra uma inclinação particular. Experimentamos antes pelo contrário, que nosso intelecto se perde facilmente sem nenhum aviso, e não nos é fácil acreditar, como quando, sem consideração sobre a verdade, vamos ao encontro de nossas "almejadas ilusões" (*Wunschillusionen*). Nós podemos juntar uma restrição a nosso assentimento. Acreditamos também que a solução piedosa que conta não é a *material*, mas sim a verdade *histórica*. Nós nos damos o direito de corrigir um tal deslocamento (*Entstellung*), que essa verdade tinha experimentado através de seu retorno (*Wiederkehr*). Isto é, não acreditamos que haja hoje um único grande Deus, mas sim que isso representou em um tempo primitivo uma única pessoa, que então aparecendo desmedida foi em seguida elevada como divindade no retorno da recordação do *ser-falante*.[15]

[15] Freud. Der Mann Moses und die monotheistische Religion: Drei Abhandlungen, p.574.

Esse ceticismo, observa Julia Kristeva, introduz uma distinção entre "verdade histórica" e verdade material".[16] A verdade histórica é uma "parcela de verdade", "caroço", mas sempre recalcada; e é seu retorno, sob a forma do sintoma neurótico ou da religião, que o sujeito acredita ser a verdade total, "material". A verdade "histórica" é somente uma parte ("não tudo"), a verdade "material" é apenas deformada.

[16] Biernaert citado por Kristeva. *Folle vérité*, p.17.

> Sabíamos há muito tempo que se encontrava, em toda idéia delirante, um fundo de verdade esquecida que, em seu retorno, sofreu certas deformações e é desde então mal compreendida. O doente toma por uma verdade sua idéia delirante e sua convicção compulsiva, mórbida, se estende para além desse caroço de verdade para admitir também os erros que envolvem este núcleo. O núcleo/caroço de verdade em questão, que chamamos verdade histórica, nós o encontramos nos dogmas das diversas religiões.[17]

[17] Freud citado por Kristeva. *Folle vérité*, p.17.

> (...) À medida que ela (a lembrança do assassinato do Pai) é deformada, pode-se chamá-la demência; à medida que ela traz alguma luz sobre o passado, deve-se chamá-la verdade. A própria defesa das psicopatias reafirma uma parcela de verdade, e a convicção do doente se estabelece sobre esta parcela para além de se espalhar sobre toda a construção demencial.[18]

[18] Freud citado por Kristeva. *Folle vérité*, p.17.

A *cultura*, a *religião* e a *moral* teriam, então, para Freud, esse núcleo comum entre o amor engendrando o supereu, e este, como herdeiro do complexo de Édipo, por incorporação dos traços significantes do pai ("as propriedades do objeto de amor") tenderia — através da transmissão da lei do desejo e da verdade subjetiva — a barrar o mal-estar através da instauração de uma instância moral civilizatória, uma espécie de *cuida-se* em contraposição ao mandamento cruel do supereu: *goza*! Lacan, ao comentar o mito freudiano *Totem e Tabu*, demarcou: "é na medida que os filhos são privados das mulheres que eles amam o pai". Esse pai amado, porém, não é o pai simbólico, mas um *pai real*, privador, que deixa aberta a *impossibilidade* de tudo simbolizar, ou seja, *restos* sujeitos à *contingência*. Afinal, como Freud bem assinalou, o *intervalo de tempo* e o *ponto de falha* são partes instituintes do *ser-falante* e como tal garantem a transmissão em uma determinada cultura.

Para Freud, no final de uma psicanálise estaria alguém que teria se deparado com as experiências tanto da castração simbólica, através do reconhecimento do impossível de tudo dizer por conta do *recalcamento originário* (*Urverdrängung*), quanto da *recusa da feminilidade* (*Ablehnung der Weiblichekeit*). Na primeira experiência, o famoso *rochedo da castração* a que Freud se refere em *O enfim e o infinito da análise* (1937), acompanha a imagem deslumbrante da chegada ao topo seguida do ato de olhar o horizonte, e provavelmente o vislumbre de outros horizontes... e o reconhecimento de que é preciso sempre trabalhar para continuar a caminhada, ou a longa espera, como disse certa vez Lacan.

Quanto à *recusa* — *Ablehnung* —[19] *da feminilidade*, a encontramos especialmente articulada a um juízo de valor, mas também à *declinação*, quando for um convite, à *renúncia*, se for uma herança, ao *rejeito* de uma proposta ou, ainda, a *arcar com* responsabilidade, quando este for o caso... Essa recusa, portanto, concerne a modos subjetivos de articulação de um estilo próprio de vida à sensualidade erótica. *Recusada a*

[19] *Deutsches Universal Wörterbuch A-Z.*

feminilidade, resta então uma variedade de sintomas que marca cada um no embaraço próprio do modo pessoal de viver a vida. Essa recusa, como nos deixa entrever Freud, assinala um *estilo*, um jeito próprio de nos *desembaraçarmos* na vida dos convites "inconvenientes", das "propostas" indecorosas, de "heranças" nada abonadoras, mais ainda, de responsabilidades que realmente não são as nossas!

Através da estrutura do mito de Totem e Tabu e da hegemonia presente na forma monoteísta das religiões reconhecemos com Freud a marca de nossa cultura ocidental: calcada que é na hierarquia e no *laço social* identificatório fundando uma comunidade-clã (*kinship*) independente do regime político que a organiza. Em Freud a transmissão de uma experiência está para os *seres falantes* assim como o mal-estar é da cultura na qual estes participam.

o "autorizar-se de si mesmo e de alguns outros" de lacan

Diversamente da *comunidade-clã* que também governava a sociedade de psicanálise fundada por Freud, Lacan nos propõe uma *comunidade de experiência* através da Escola de psicanálise que fundou, com alguns outros, em 1964, para acolher sobretudo a diversidade das experiências engendradas pelo "ato analítico". Essa Escola de psicanálise inscrevia em seus princípios acolher o mal-estar da cultura; de sua forma de funcionamento Lacan privilegiou o *gradus* na proposição do testemunho do passe, rompendo, assim, com a hegemonia da hierarquia para a qual a *República* de Platão nos serve de protótipo, sobretudo por seu uso pedagógico, pois "aquele que se liberta das ilusões e se eleva à visão da realidade é o que pode e deve governar", na hierarquia, "os outros prisioneiros das sombras: é o filósofo-político, aquele que faz de sua sabedoria um instrumento de libertação de consciências e de justiça social, aquele que faz da procura da verdade uma arte de desprestidigitação, um desilusionismo."[20] Por isso, nos diz Lacan no resumo do seminário *O ato psicanalítico*:

> O próprio ato psicanalítico está sempre a mercê do *acting out*, do qual já descrevemos bastante antes com que caras ele faz caretas. E importa destacar quanto de natural a nos prevenir disso é a própria abordagem de Freud, quando não é tanto do mito que ele a sustentou primeiramente, mas do recurso à cena. Édipo como Agamenon representam encenações. Vemos hoje o alcance disso no que

[20] Platão. *Diálogos*.

se aferra o retardamento que quis marcar o mau encontro, em se aventurar em exegese sobre o objeto *a*.
Pois se o ato moral se ordena do ato psicanalítico é para receber sua aposta[21] do que o objeto *a* coordena em uma experiência de saber.
É dele que ganha substância a insaciável exigência que Freud articula, em primeiro lugar, em O mal-estar na cultura. Este insaciável, nós o destacamos com outro acento, porque encontra sua medida no ato psicanalítico."[22]

[21] N.T. *En-je* no original, que é homófono de *enjeu*, aposta.

[22] LACAN. L'acte psychanalytique, p.380-1.

"Que esperar pois do canto desse mal-estar", pergunta Lacan em *Radiofonia*. Nada, nos diz ele, "senão testemunhar do inconsciente que ele fala — tanto mais voluntariamente que com o não-sentido ele está em seu elemento."[23]

[23] LACAN. Radiophonie, p.435.

Na "Proposição de 9 de outubro de 1967",[24] Lacan nos propõe então um princípio que ele sustentará até o fim de seu ensino: "O analista só se autoriza dele mesmo". Mesmo quando essa fórmula foi estendida por ele posteriormente para "O analista só se autoriza dele mesmo e de alguns outros", se mantém esse princípio ético, sendo a extensão numérica "a alguns outros"[25] o que caracteriza o estatuto lógico dessa autorização pelo desdobramento do ato analítico.

[24] Essa versão da "Proposição de 9 de outubro de 1967" só foi publicada em 1978, em *Analytica*. A versão mais conhecida é a publicada em 1968, em *Scilicet*. Paris, Seuil, n. 1, 1968, com o nome de "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola".

[25] LACAN. *O Seminário: livro 21 – Le non du père errent*. Aula de 9 de abril de 1974.

Na segunda versão dessa Proposição, ele escreve:

> A psicanálise mostra em seu final uma ingenuidade que permite indagar se podemos colocá-la no nível de garantia na passagem do *desejo de ser psicanalista* (*désir d'être psychanalyste*). *Passagem* que está articulada ao testemunho sobre o momento em que um psicanalisante se autoriza analista, e se restringe a falar da análise.

Porém, na *Nota aos Italianos* (1973), Lacan esclarece:

> É esta a condição pela qual, por algum lado de suas aventuras, o analista deve levar a marca. Cabe aos seus congêneres "saber" encontrá-las. Salta aos olhos que isso supõe um outro saber elaborado anteriormente, para o qual o saber científico forneceu o modelo, e carrega a responsabilidade. É a mesma que eu lhe imputo de ter, somente aos *dejetos da douta ignorância*, transmitido um *desejo inédito*. Que se trata de verificar: para fazer analista.

No final dessa *Nota*, ele demarca: "tudo deve girar em torno dos escritos a serem publicados", e também no posfácio de *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1973): "Mas a *função do escrito* não constitui então o catálogo, mas a via mesma da estrada de ferro. E o objeto (a), tal como escrevo, ele é o trilho por onde chega ao *mais-de-gozar* o de que se habita, mesmo se abriga a demanda a interpretar."[26]

[26] LACAN. *O seminário: livro 11 – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.*

Em *Sobre a experiência do passe* (1973), Lacan nos adverte que o testemunho do passe é "uma experiência radicalmente nova que nós instituímos, pois o passe não tem nada a ver com a análise", entrando em cena, através dessa segunda proposição, elaborações dos "problemas cruciais da psicanálise" que a análise decanta.

A experiência psicanalítica, então, como transmiti-la?

Reconhecendo — por que não dizer? — que entre o outro como receptor e o grande-outro como elemento terceiro remetido ao sujeito dividido como ser há uma distinção, a obra não reproduz o sujeito do inconsciente, mas "produz o equivalente da lógica do sujeito ao forjá-lo em sua curvatura". O que significa pensar, com Lacan, que "não há nunca comunicação a dois, mas sempre interlocução a mais de dois, por causa do grande-outro" (lugar onde os significantes se mostram e de onde retiramos o que nos "escapa" e nos faz desejar!) que *ex*-iste sempre que se fala... Nesta leitura, sentido e verdade não coincidem, mas lançam um *resto* para sempre inominável que permite ao diálogo continuar a insistir, seja na literatura, seja no universo do discurso científico, seja em uma Escola de psicanálise.

A meu ver, é neste ponto que se abre uma variedade de conexões *possíveis* entre os três registros — real, simbólico e imaginário — e o sintoma nosso de cada dia. Eis aí uma aposta sobre o que se pode saber a propósito da transmissão de cada experiência em ato em nossa comunidade que em breve passará a se chamar *Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano*. Feita, eu espero, para acolher o inaudito do ato analítico.

referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Obras escolhidas.* 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Obras escolhidas.* 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

DEUTSCHES Universal Wörterbuch A-Z. Mannheim, Dudenverlag, 1996. (Nova versão.)

FOLDER das *Conferências* de Patrick Guyomard no Rio de Janeiro, *SPID*, abril de 1997.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica.* 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

FREUD, Sigmund. Die Analytische Therapie. In: *Studienausgabe.* v.I. Frankfurt: M. S. Fischer, 1994.

FREUD, Sigmund. Totem und Tabu. In: *Studienausgabe.* v.IX. Frankfurt: M. S. Fischer, 1994.

FREUD, Sigmund. Der Mann Moses und die monotheistische Religion: Drei Abhandlungen. In: *Studienausgabe.* v.IX, Frankfurt: M. S. Fischer, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas.* 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Prefácio.)

GUYOMARD, Patrick. *O gozo do trágico:* Antígona, Lacan e o desejo do analista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

JULIEN, Philippe. L'amour du pére chez Freud. *Littoral,* Paris, Érès, n.11-12, 1984.

KRISTEVA, Julia. *Folle vérité.* Paris: Seuil, 1979.

LACAN, Jacques. L'acte psychanalytique. (Resumo do seminário de 1967-68.) In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 11 – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 21 – le non du père errent.* Aula de 9 de abril de 1974.

LACAN, Jacques. Radiophonie. In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001. p.435.

LACAN, Jacques. Sobre a experiência do passe. *Letra Freudiana,* Rio de Janeiro, n.0, [s.d.], p.57.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Fantasia originária, fantasias das origens e origens da fantasia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

PLATÃO. *Diálogos.* Seleção de textos de José Américo Mota Pessanha; traduções e notas de José Cavalcanti de Souza e Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção *Os Pensadores,* p.XXI-XXIII.)

PORGE, Erik. Comme est dit du père. *Littoral.* Paris, Érès, n.11-12, 1984.

resumo

A partir da pergunta *O que se espera de um psicanalista?*, proposta pelo II Encontro Nacional da AFCL, esse artigo aproxima essa questão da transmissão psicanálise e demarca em Freud e Lacan algumas possibilidades de tratá-la.

abstract

From the question *What is expected from a psychoanalyst?*, proposed by the II National Encounter of AFCL, this article relates this issue to the transmission in psychoanalysis and demarcates in Freud and Lacan some possibilities to study it.